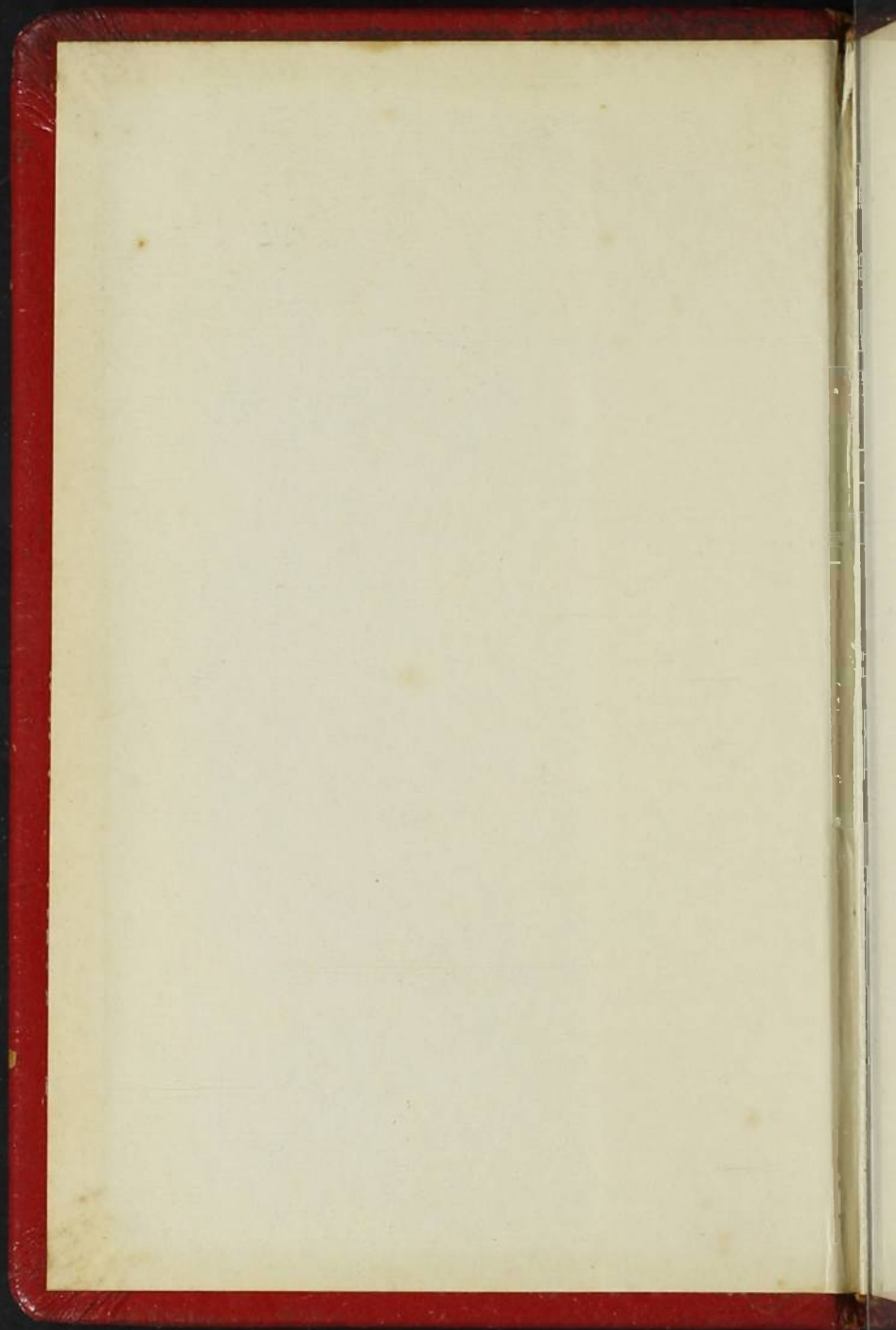
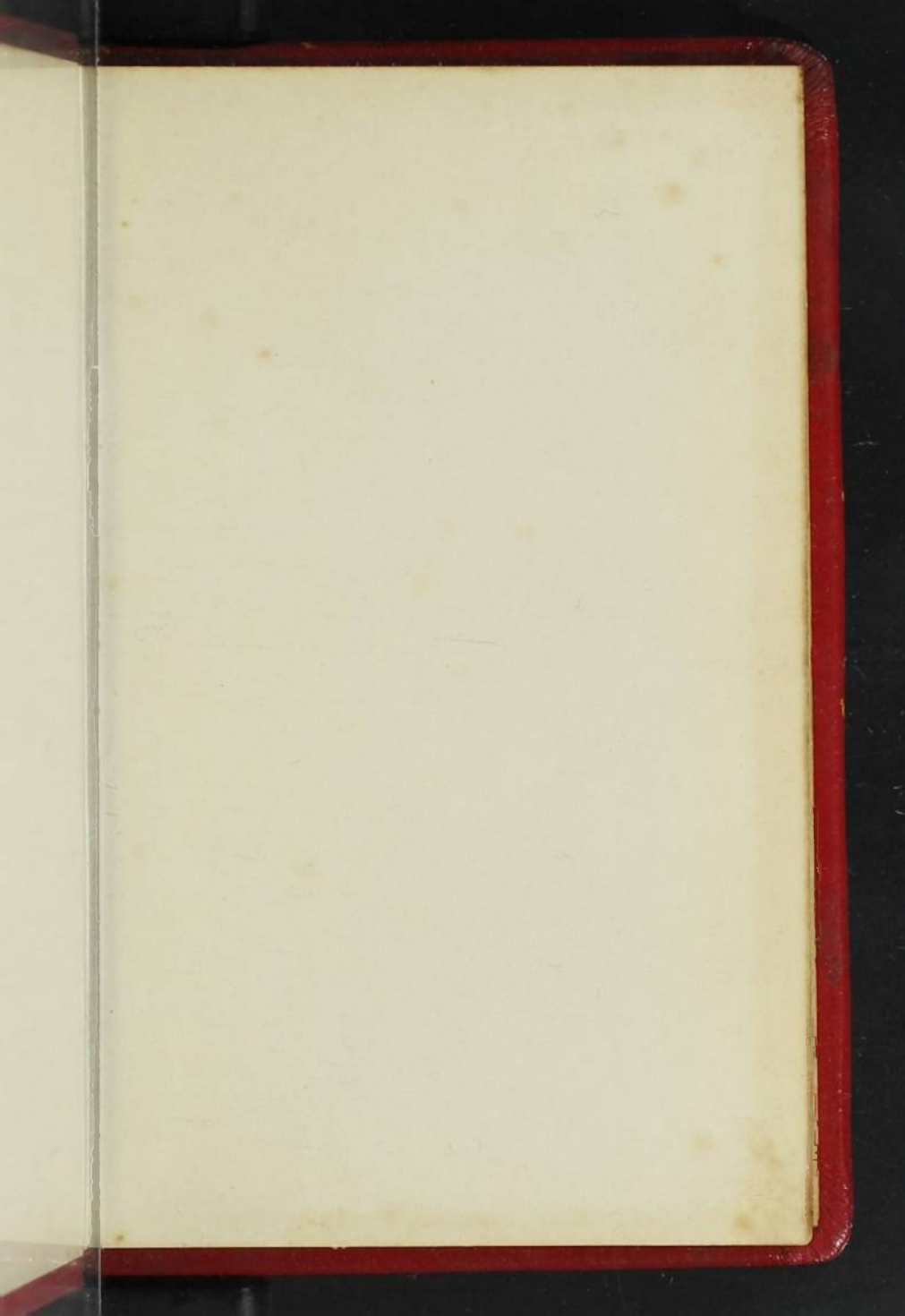
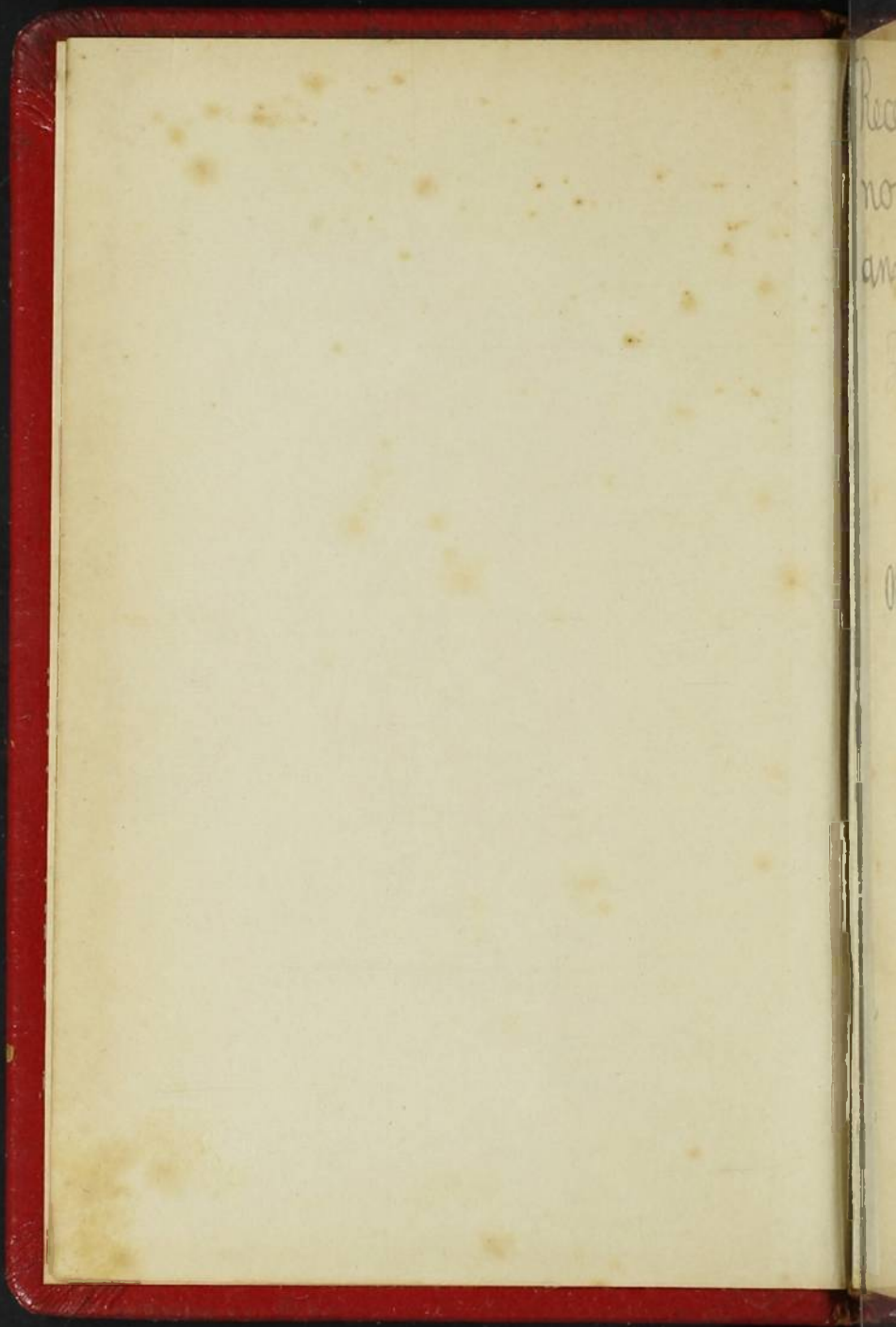


DE









Recebi de papae  
no dia dos meus  
anos, 8-2-1920.

B 0302

OS OVOS DE PASCHOA



BIBLIOTHECA DA INFANCIA

---

OS  
OVOS DE PASCHOA

POR

C. SCHMID

---

Edição ornada de gravuras

---

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

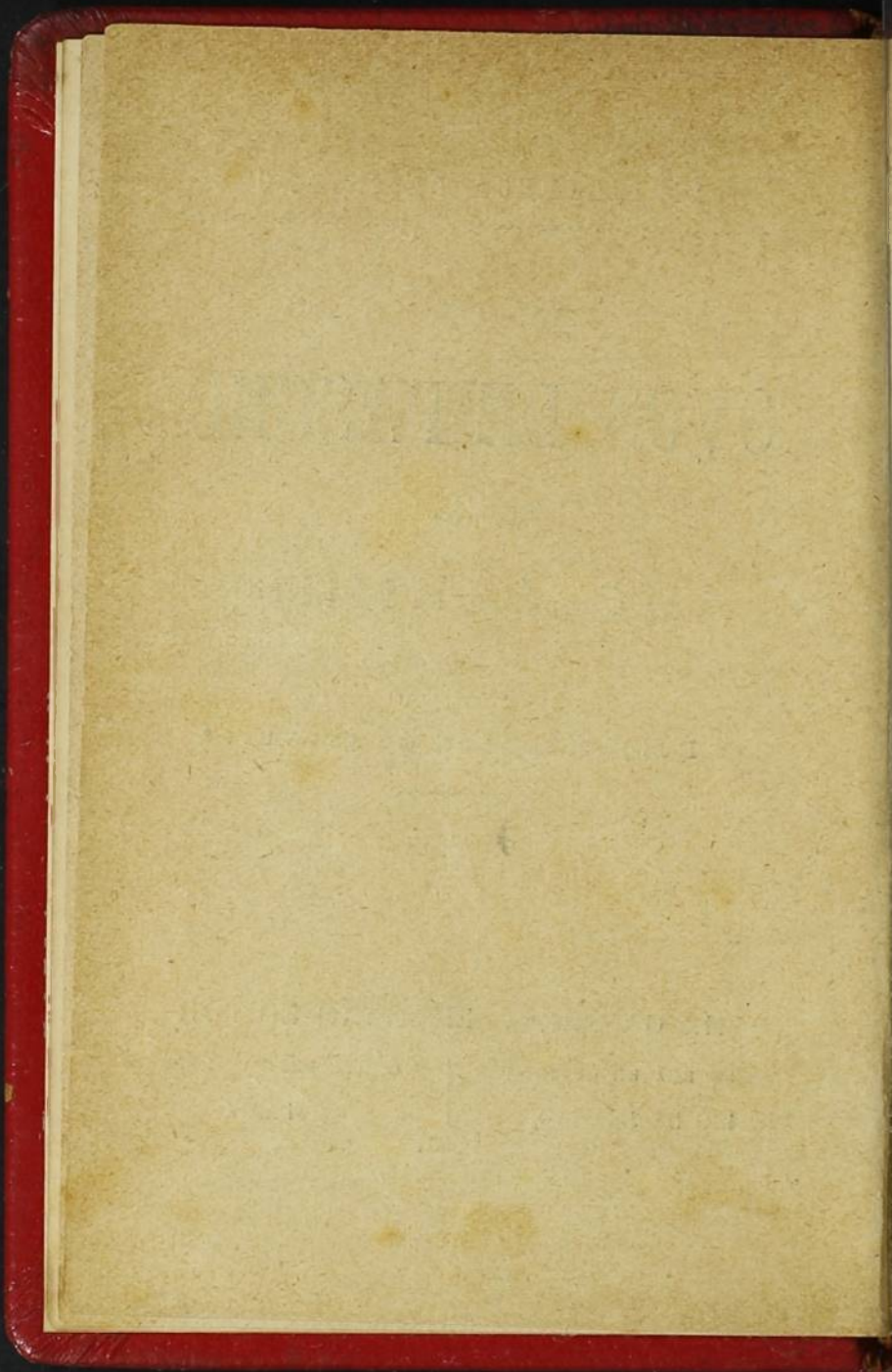
109, RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES

PARIZ





# OS OVOS DE PASCHOA

---

## I

OH! VOCÊS NÃO SABEM AINDA O QUE SÃO  
GALLINHAS !

Em um pequeno valle rodeado de bosques e rochedos, viviam, ha muitos seculos, alguns pobres carneiros. As suas choupanas estavam dispersas aqui e alli na encosta das collinas. A fortuna d'elles se compunha de algumas cerejeiras e ameixiras ao redor de cada casa,

um campo de trigo, um pouco de canhamo e de linho, uma vacca, e algumas cabras. Elles ganhavam muito pouca cousa a trabalhar para uma forja que havia perto d'alli. Era gente muito pobre, mas gente feliz porque se contentavam com o que tinham e nada mais. No meio de uma vida dura, sobria e laboriosa, gozavam de perfeita saúde, e n'essas humildes choupanas encontrava-se o que em vão se procuraria nos palacios : homens de mais de cem annos de idade, e gozando ainda das delicias da vida.

Um dia que a aveia começava a ficar amarella e que fazia grande calor, a filha de um carvoeiro que estava guardando as cabras, veiu



correndo para casa e disse aos seus parentes que tinham chegado ao valle diversas pessoas com umas maneiras espezias e que fallavam de um modo particular : era uma grande dama com seus dois filhos e um homen de idade que, se bem ricamente vestido, parecia ser o criado. « Ah! meu Deus, disse a rapariga, essa gente está morrendo de fome e estão muito cançados : encontrei-os quando corria atraz de uma das cabras, e mostrei-lhes o caminho do valle. Vamos levar-lhes alguma cousa para comer e beber e veremos depois se podemos dar-lhes pousada por esta noite em nossa casa ou em casa de algum vizinho. » Os paes tomaram logo

pão d'aveia, leite e queijo e acompanharam a filha.

Os estrangeiros tinham-se postos á sombra de um rochedo cheio de matto onde fazia muito fresco. A senhora estava sentada em uma pedra coberta de musgo; um véo de fina escumilha cobria-lhe o rosto; uma menina bella como o dia descançava no seu collo. O velho servidor descarregava a besta que vinha com elles; a outra criança, um bello menino, dava cardos ao animal que comia com avidéz.

O carvoeiro e sua mulher aproximaram-se respeitosamente da estrangeira, pois, á nobreza do seu todo, á dignidade de suas maneiras e principalmente por causa de seu





Elles estavam sentados à sombra de um rochedo.

vestido comprido, viram que era uma senhora de alto nascimento. « Repara, disse baixinho a carvoeira ao marido, repara só no grande collarinho tão finamente dobrado com preguinhas, e as finas rendas que cobrem a metade d'aquellas mãos delicadas; e os sapatos, Deus do céo, como elles são brancos como as flôres de nossas cerejeiras, e estão enfeitados com flôres de prata. » O marido, porém, zangando-se com estas observações, disse-lhe: « Sempre com a tua tola vaidade! as roupas mais finas convêm á gente de distincção; e com tudo isto a roupa não torna a gente melhor, e esses sapatos tão bonitos, tão delicados, não impediram que a pobre senhora



ficasse com os pés arranhados mais de uma vez nos maus caminhos. »

O carvoeiro e a sua mulher offereceram á nobre estrangeira, leite, queijo e pão. Ella levantou o véo e elles admiraram o brilho do seu rosto, e a doçura dos seus traços. Depois de agradecer-lhes a bondade que tinham, ella tomou a tijella de leite e deu a beber á criança que tinha no collo. Lagrimas de ternura rolaram-lhe pela face corada, vendo a criança tomar a tijella com as duas mãosinhas, leval-a á boca e beber com gosto. O menino chegou-se tambem, e sua terna mãe deu-lhe a beber. Em seguida ella repartiu o pão, e só depois que seus filhos ficaram satisfeitos é que cuidou em si.

Quanto ao velho servidor, regalou-se com um pedaço de pão com queijo. Emquanto tomavam esta pequena refeição, os habitantes do valle tinham vindo todos, e faziam roda em volta da interessante familia.

Depois da refeição, o velho criado pediu á essa boa gente que arranjasse para a senhora um pequeno aposento por pouco tempo sómente : ella não lhes seria pesada, pagaria tudo com generosidade. « Ah ! sim, accrescentou a senhora com voz doce e commovida, tenham dó de uma mãe infeliz e de seus dous filhos que um destino horrivel obrigou-os a deixar o solo paterno. » Os habitantes se consultaram e tra-



taram de soccorrer a estrangeira.

No alto do valle havia um riacho que sahia do meio dos rochedos, que elle branqueava com sua espuma, e não longe d'alli fazia mover um moinho que parecia estar suspenso nos rochedos. O moleiro tinha construido do lado opposto uma casinha bem bonitinha : é verdade que era feita de madeira, como todas as cabanas da vizinhança, mas rodeada de grandes cerejeiras e edificada no meio de um jardim, fazia muito bonita vista. O moleiro offereceu-a á desconhecida. « A casinha que a senhora avista d'aqui, disse-lhe apontando-a com o dedo, eu lh'a cedo com muito gosto : ella está novasinha e ainda ninguem

morou n'ella ; mandei fazel-a para eu mesmo habital-a quando passar o moinho para meu filho. Como a Providencia trouxe-a aqui a proposito ! a casinha ficou acabada hon-tem e a senhora pode já ir para ella : dir-se-hia que a mandei fazer para a senhora. Ella ha de agradar-lhe.

A nobre senhora aceitou com reconhecimento este delicado offerecimento. Depois de descançar ainda mais um pouco, ella dirigiu-se para a sua nova morada, levando nos braços a filhinha ; o velho segu-rava o menino pela mão, e o obsequioso moleiro conduzia a besta pelo freio.

A senhora achou a casa muito

bouita : o moleiro já a tinha mobiliado com mesas, cadeiras, cama, emfim de tudo quanto se precisa n'uma casa. A senhora tinha trazido bellos tapetes, ricas cobertas e colchas; ella se preparou logo para passar a primeira noite em sua nova morada.

Antes, porém, de ir dormir, deu graças a Deus, que depois de tantos desgostos e ancias lhe tinha dado um asylo tão conveniente. « Quem havia de dizer, disse ella suspirando, que criada em palacios, eu havia de me considerar muito feliz um dia em ser acolhida em uma pobre cabana! Ah! como os grandes da terra têm o maior interesse em tratar bem seus inferiores!



Como devem ser affaveis para com elles ! Se a compaixão não os leva a isso, pelo menos a prudencia devia induzil-os a mais circumspecção ; pois, quem pode saber o que o destino nos reserva ?

No dia seguinte de manhã, a boa senhora sahiu com os filhos a visitar a região hospitaleira ; ella nada tinha podido vêr na vespera porque estava muito cançada. Logo que poz o pé fóra, um lindo espectáculo se apresentou diante dos olhos. As cabanas espalhadas dos carvoeiros formavam bonitos grupos, que pareciam semeados aqui e alli no valle ; o riacho corria entre ellas com a sua agua limpida como um fio de crystal ; os rochedos cobertos

de matto e de relva que as cabras comiam, estavam allumiados pelos raios do sol nascente e apresentavam á vista um quadro que não podia ser reproduzido pelo mais habil pintor.

Ao vêr a bella desconhecida, o velho moleiro sahiu do moinho, atravessou a taboa que servia de ponte em cima do riacho e veiu ter com os seus hospedes. « Então, disse-lhes elle de longe, poderá haver no valle um lugar mais bonito do que este? Aqui gozamos dos primeiros raios do sol : aquellas cabanas ainda estão na escuridão que aqui o sol dora os campos, e os nevoeiros deixam apenas avistar as chaminés das cabanas que aqui já



se apreciava um céu puro e calmo. »

As crianças da senhora divertiam-se cada uma a seu modo. Ellas estavam admiradas em vêr girar a roda do moinho sempre no mesmo lugar; ellas ouviam com surpresa o barulho da cunha que nunca parava, e o murmúrio da agua que corria aos borbotões. A menina gostava muito de vêr essa immensa quantidade de bolhas d'agua, parecidas com perolas brilhantes, voando nos ares, saltando na roda, e cahindo depois aos montões n'agua.

A senhora passou o dia a arranjar a casa o melhor que pode. Aquella boa gente forneceu-lhe os viveres, a lenha, a louça, tudo emfim que lhe faltava ainda. A joven



carvoeira que lhe tinha ensinado o caminho do valle, e que se chamava Martha, ficou sendo sua criada.

A senhora preparou-se para fazer a comida. « Mas antes de tudo, disse ella á Martha, preciso de ovos; toma dinheiro e vai buscar-me alguns ovos. — Ovos? perguntou Martha admirada, para que quer a senhora ovos? — Para cozinhal-os, replicou a senhora. Anda, vai depressa e não te demores. — Para cozinhal-os! mas os passarinhos não têm mais ovos, e demais seria pena : seria preciso alguns centos de ovos de pintasilgo e tentilhões para dar a comer a quatro pessoas. — O que é que estás ahi a contar ?

Quem te falla em ovos de passari-  
nhos? São ovos de gallinha que te  
peço que me vás buscar! » Ao ouvir  
isto, a pequena sacudiu a cabeça  
dizendo : « eu não conheço d'esses  
ovos, nunca os vi. — O que! ex-  
clamou a senhora, vocês não sabem  
ainda o que é uma gallinha ? »

Os meus jovens leitores hão de  
ficar admirados da ignorancia da  
joven carvoeira ; no emtanto não  
se hão de admirar mais quando  
souberem que as gallinhas nos vêm  
do Oriente, e que no tempo em que  
se deram os acontecimentos que  
estou contando, ellas eram tão ra-  
ras em certas regiões como é ainda  
agora o pavão em muitos paizes.

Como não havia carne, a senhora

ficava ás vezes atrapalhada sem saber o que fazer para comer. « Nunca teria pensado que um ovo fosse um presente tão precioso da bondade divina ; vejo agora que isso é verdade. Ah ! não é a primeira lição que devo á desgraça. » As necessidades e a adversidade têm ao menos isto de bom, que ellas nos mostram o quanto devemos ser reconhecidos a Deus, ellas nos mostram tambem o valor de muitos dos seus beneficios, que não sabemos apreciar na prosperidade.

A boa senhora vivia bem pobremente e era obrigada a passar por muitas privações. Não era porque no valle não se esforçassem todos a satisfazer os seus desejos e



suavisar o mais que podiam o rigor do seu destino.

Quando o moleiro pescava alguma bonita truta ou apanhava alguns tordos, ia logo offerecel-os á sua nobre hospede. O velho criado, sobretudo, prestava lhe grandes serviços. Ella ainda tinha algumas joias de preço, algumas pedras preciosas e outros objectos de valor. O bom velho ausentava-se de tempos em tempos para ir vendel-os, e trazia d'essas viagens uma quantidade de cousas necessarias para a casa.

Os habitantes do valle tinham notado que todas as vezes que o velho Kuno voltava d'essas excurções, a senhora parecia mais triste e mais



Quando o moleiro pescava uma bonita truta,  
ia offercel-a ao nobre hospede.



afflicta. Elles queriam saber quem era ella, mas não se atreviam perguntar-lhe, e quando fallavam a este respeito com Kuno, este lhe dizia uma quantidade de cousas e de nomes tão exquisitos, tão extraordinarios, tão difficeis a pronunciar e sobretudo a guardar na mente, que acabaram por comprehender que o jocoso velho divertia-se á custa d'elles.

Um dia, chamaram o menino : « Diz-nos, lhe perguntaram elles, como é que se chama sua mãe? diz-nos aqui no ouvido, nós não diremos á ninguem. » O menino respondeu-lhes com muito mysterio, mas com toda a confiança e bondade : « Ella se chama maman. »



As respostas do menino não foram mais satisfactorias para aquella boa gente, e deixaram ao tempo a descoberta do mysterio.



## II

LOUVADO SEJA DEUS, VAMOS  
TER GALLINHAS!

Um dia, o velho Kuno voltou de fóra com uma gaiola nas costas : continha ella um gallo e algumas gallinhas. Quando as crianças do valle viram chegar o velho, fizeram-lhe roda, porque quasi sempre elle lhes trazia alguma cousa : a um, um pãosinho, a outro figos secos, um assobio, um guisosinho para

a cabra, e muitos outras teteias. Desta vez, porém, o que elles queriam, era saber o que vinha dentro d'aquella gaiola coberta com um panno grosso que nada deixava ver.

Elles seguiram o velho até á porta da casa da senhora, que veio ao seu encontro muito contente. « Louvado seja Deus ! exclamou a rapariga, vamos ter emfim gallinhas ! »

↳ Kuno arreiou no chão a carga, abriu uma portinha, e sahiu de dentro um majestoso gallo. As crianças espantadas recuaram de alguns passos. « Que singular passaro ! exclamaram elles (não sabiam ainda como se chamava); nunca vimos um passaro tão bonito : olha que bonita corôa elle tem na cabeça ! É encar-



nado mais vivo do que as primulas dos nossos prados! Que linda plumagem! Que cauda, parece uma foicinha! » Tambem gostaram muito das gallinhas : havia duas pretas com crista vermelha, duas brancas com tupete, e duas pardas cinzentas sem rabo. A senhora atirou-lhes um punhado de milho e logo todas vieram comer.

Formando circulo a roda d'ellas as crianças divertiam-se em vel-as se excitar, e brigar para ter o milho que se lhes estava dando. Comido o milho, o gallo abriu as suas brilhantes azas e poz-se a cantar : toda a criançada partiu ás gargalhadas, e quando foram-se embora, tanto os meninos como as meninas iam pelo

caminho a repetir : *Kikiriki! Kikiriki!*

Quando chegaram ás casas dos paes as crianças não se cansavam de contar maravilhas sobre os passaros que acabavam de vêr na casa da senhora estrangeira. « São maiores que os nossos pombos torquazes, maiores até do que os corvos, e mais bonitos do que qualquer passaro dos nossos bosques. — Ah! se mamam visse, accrescentou a pequena Maria, a irmã mais moça da Martha, se mamam visse que bonita tinha touca encarnada que um tem na cabeça, eu nunca vi cousa igual! » Os parentes não foram menos curiosos do que as crianças, e como ellas, fizeram exclamações de admiração



ao vêr esses singulares passaros.

Tempos depois, uma das gallinhas chocou. A senhora incumbiu a Martha de dar-lhe de comer. Esta mostrou um dia o ninho ás crianças que ficaram admiradas por verem tantos ovos. « Quinze ovos! exclamaram : as pombas do matto só põem dois, alguns outros passaros cinco só. Como é que a gallinha ha de poder dar de comer a todas os pintinhos?

Quando a ninhada estava sahindo, a senhora quiz arranjar uma nova surpresa para as crianças : mandou-as buscar e como era dia santo os parentes vieram com ellas. A senhora mostrou-lhes um ovo meio aberto. Que contentamento quando



viram um pintinho fazendo esforços para quebrar a sua prisão transparente! Porém, mais admirados ficaram quando viram os pintinhos, apenas sahidos da casca, com uma penugem fina, virarem de um para outro lado seus olhinhos pretos e correrem logo, quando os outros passaros não têm pennas. » É singular exclamaram as crianças; não ha passaros iguaes no mundo! »

O contentamento foi immenso quando viram a bonita gallinha de crista vermelha apparecer pela primeira vez no esteval, rodeada de sua pequena familia loura. « Não ha nada de mais bonito do que isto, disse um carvoeiro. — Ouve só, disse a carvoeira, como a mãe chama

pelos pequenos ; como elles comprehendem a voz da mãe, como a seguem, como lhe obedecem ! Seria para desejar que as crianças fossem sempre attentas, e tão doces quando os paes lhes fallam ! »

Um menino pegou n'um pintinho para vê-lo melhor : o pinto poz-se a gritar ; ao ouvil-o a gallinha vem ao soccorro d'elle, atira-se com as azas abertas sobre o pequeno temerario, e lhe teria furado os olhos se o menino não tivesse largado logo o pintinho. O pae ralhou com o filho e a mãe disse-lhe : Repara com que fidelidade esta boa mãe toma cuidado dos filhos ; é uma excellente lição para nós. »

Quando a gallinha achava alguma





A gallinha atirou-se sobre o joven temerario.



cousa de comer, dava um grito e toda a banda corria logo para perto d'ella. Via-se ella cortar, para bem dizer, com o bico o pedaço que tinha achado, depois deixal-o aos seus jovens filhinhos que, se bem que fracos ainda, seguravam n'elle cada um por sua vez e o bicavam com avidez. Toda aquella gente admirava se de vêr comer e correr pintinhos que apenas tinham um dia de vida,

O sol tendo-se escondido entre as nuvens, toda a ninhada se refugiou debaixo das azas da mãe para se aquecer. « É o mais bonito de tudo, diziam os carvoeiros, como é lindo vêr aqui e alli uma cabecinha levantar a aza protectora da mãe, de-

pois sahir, e esconder-se logo para se garantir do fresco da noite. »

O moleiro que dentro de uma roupa enfarinhada fazia contraste no meio dos carvoeiros, mas que se distinguia d'elles pelo seu bom senso e sua sagacidade, disse então : « Estes passaros são uma cousa bem exquisita. Nós descobrimos Deus em toda a natureza, nada é mais verdadeiro ; mas sua bondade, sua sabedoria e seu poder nunca nos impressiona tanto senão quando vemos alguma cousa de extraordinario. Pensem um pouco como é favoravel para estes passarinhos poder comer e correr logo que nascem : se, como a andorinha, ella fosse obrigada a dar de comer a todos cada um por

sua vez, nunca teria fim. Como é bom que elles tenham o instinto de seguil-a e obedecer-lhe! Se elles se dispersassem logo, a gallinha nunca poderia reunil-os todos e a metade se perderia. Entretanto, quizera saber onde ella vai buscar o animo com que defende os filhos. Ordinariamente as gallinhas são medrosas, e não era sem enfadonho que eu via essas tolas fugirem logo que me chegava para perto d'ellas. Mas assim que ellas têm os pintos ficam logo mudadas; tomam novas forças; chegam-se á gente sem receio, e até brigariam sem medo. Mais de uma vez me distrahia a vê-las brigar, por causa de um grão de milho: logo que ficam mães, põem no



chão a comida de que gostam, vão buscar mais outra para seus filhinhos, chamam por elles, e só comem quando elles estão satisfeitos. Os bons bichos, creio, que se deixariam morrer de fome, do que privar de comida um dos seus. Estes meigos cuidados com os quaes a gallinha guia sua pequena familia, procura grãosinhos para ella, a protege, a reanima, foi Deus quem os inspirou a ella. Desde que Deus é tão bom para estes pequenos animaes, devemos nós nos desesperar? Não tem elle ainda mais cuidado de nós? Certamente que sim, não ha que duvidar. Animo, pois, meus amigos : Tudo quanto Deus faz é para o bem ; elle tem cuidado de

todas as suas creaturas, mas sobretudo do homem, que tem muito mais valor para elle do que todas as gallinhas e todos os passaros do mundo. »



### III

#### ABUNDANCIA DE OVOS

Como os bons habitantes do valle tinham sido sempre muito condescendentes para a senhora estrangeira, esta havia muito tempo que andava meditando um meio de obsequial-os por sua vez. Ella tinha poupado seus ovos e suas gallinhas, e quando chegou a t er uma boa quantidade de ovos e algumas gallinhas de mais, mandou a Martha ao valle



convidar todas as mães de familia para virem á sua casa no dia seguinte que era um domingo. Todas accitaram e vieram no dia seguinte vestidas com que tinham de melhor. O Kuno tendo arranjado no jardim uma pequena mesa rustica com bancos, todas se assentaram á roda d'ella.

Então a Martha trouxe um cesto cheio de ovos brancos como a neve. As carvoeiras estavam maravilhadas. « Por favor de Deus, disse a boa senhora, temos abundancia de ovos : na verdade é bem bonito vêr-se tantos juntos. Mas, convem que lhes ensine o que se pode fazer com elles em casa. »

O Kuno tinha accendido fogo em

um canto do jardim : puzeram em cima uma caçarola cheia d'agua. Antes de n'ella deitar os ovos, a senhora quebrou um para mostrar a seus convivas o que havia, e todos olharam bem attentamente o bello liquido cristallino no qual parecia boiar uma pequena bola amarella. Depois fez-se cozinhar tantos ovos quantos eram os convivas. Poz-se na mesa sal para temperal-os, e pão branco cortado em fatias finas. A senhora ensinou-lhes a quebrar os ovos e a molhar dentro o pão : todos acharam a comida deliciosa. « Temos ao mesmo tempo a comida e o talher, disseram ellas. E como tudo isto é bonito ! Que bonita côr, este branco com o amarello ! Com

ve facilidade, com que ligeireza se cozinha um ovo! Não póde haver para um doente alimento mais barato e mais nutriente. »

A senhora quebrou depois alguns ovos em manteiga derretida : novo prodigio para os carvoeiros. Como a gema está bem rodeada da clara! disseram ellas, parece-se com os bemnequeres dos nossos prados. Depois puzeram ovos em cima de azedinha, e esta nova iguaría não foi menos apreciada que as outras. A senhora mandou servir ainda ovos feitos de outra maneira, e assim ensinou ás carvoeiras que os ovos não só são uma excellente comida sós como tambem serve para preparar outras comidas.



Serviram então um bonito prato de salada. O risonho Kuno poz em um prato ovos que tinha deixado cozinhar até endurecer e que tinha deixado esfriar. Para divertir os convivas, elle deixou-os cahir no chão, como por descuido, e ouviu-se o ruido. As carvoeiras olharam e soltaram um grito: receiavam vêr os ovos quebrados e tudo perdido. Mas qual não foi o espanto quando viram a senhora apanhal-os, tirar a casca, e cortar-os em fatias! Era um prodigio para ellas. A senhora ensinou-lhes a cozinhar ovos duros, e poz os ovos na salada. Nova iguaria tão bem apreciada como as outras.

Terminada a refeição, a senhora

distribuiu ás mães de familia alguns gallos e muitas gallinhas, dizendo-lhes que uma gallinha chegava a pôr até cento e cincoenta ovos por anno. « Mais de cem ovos! exclamaram ellas, que riqueza para uma casa de familia! »

Ao voltarem para suas casas, as boas mulheres alegraram o valle : todos abençoaram a generosa senhora e renderam graças a Deus por um tão grande favor.

Por muito tempo as gallinhas foram o assumpto de todas as conversas ; todos os dias n'ellas achavam uma novidade, uma utilidade, uma singularidade. O canto matinal do gallo foi a alegria dos paes de familia. « Elle annuncia o dia, diziam

elles, e chama o homem para o trabalho. É uma outra vida no valle : quando os gallos põem-se a cantar, cada pessoa vai á sua tarefa com o coração alegre. — Isso é verdade, disse o moleiro ; mas quando o gallo canta pela primeira vez, lá pela meia-noite, parece que elle está dizendo á gente folgazã que são horas de se separar e ir dormir. »

As mães de familia não deixaram de notar que a gallinha as prevenia com o seu canto que acabava de pôr um ovo ; era sempre uma alegria na casa quando se a ouvia cantar. « Quando ella nos dá um ovo, a gente sabe logo e pode-se ir buscal-o para guardar. »



Os paes e as mães diziam sempre :  
« Estes passaros foram feitos para  
viver com a gente : vê-se que Deus  
os fez com este fim. Elles se con-  
servam fielmente ao redor da casa,  
pouco se afastam, vêm logo quando  
se as chama ; á tarde ellas voltam  
sósinhas, esperam á porta ou em  
baixõ das janellas até que se as faça  
entrar. São muito uteis n'uma casa  
de familia e não custa muito para  
nutril-as. Um pouco de farello, al-  
gumas cascas de legumes, um pouco  
de milho : eis tudo de quanto pre-  
cisam. Elles mesmos a passear todo  
o dia sempre acham d'aqui ou d'alli  
com que nutrirem-se. Assim é que  
milhões de grãos que se perderiam  
no tempo da colheita, voltam ainda



Assim que a gallinha cantava, Martha ia  
apanhar o ovo.



em proveito da gente. As gallinhas os procuram e comem, e em troca d'isso nos dão ovos. A viuva por mais pobre que seja tem com que criar uma gallinha, e o ovo que a ave lhe dá todas as manhãs é uma esmola diaria para ella. »

Os filhos da senhora viram então quão é precioso um ovo que elles olhavam com indifferença quando viviam na abundancia. Oh ! como elles ficavam contentes quando no almoço davam-lhes um ovo batido com leite ! Como saboreavam umas tantas iguarías que d'antes elles desprezavam ! Como agradeciam a Deus tantos beneficios !





## IV

### A FESTA DOS OVOS VERMELHOS, OU A FESTA DAS CRIANÇAS

Passaram-se os bellos dias do verão, e veiu o inverno, que foi muito rigoroso, sobretudo n'essa região.

As pequenas cabanas do valle ficaram mezes inteiros como que mettidas na neve e os olhos não viam mais do que as chaminés e só uma parte dos telhados. A neve enchia

completamente os barrancos ; o mo-  
nho estava parado, as cascatas es-



tavam mudas e suspensas nos ro-  
chedos. O rigor do tempo retinha



todos ao redor do lar; cada familia ficava em sua casa. Os carvoeiros ficaram bem contentes ao vêr a neve derreter-se, e a primavera tornar a apparecer com todos os seus encantos.

Então todas as crianças do valle voltaram a visitar a casinha para offerecer aos dous filhos da desconhecida, Edmundo e Branca, ramos de violetas e primulas; e quando os prados começaram a se encher de flôres, ellas colheram as mais lindas, fizeram corôas de diversas côres que foram levar á senhora desconhecida. « É preciso tambem, disse ella commovida por tantas attentões, que eu lhes dê alguma cousa que lhes agrade. Para a Paschoa



vou dar-lhes uma festinha campestre, porque esses dias devem ser dias de festa para as crianças.

Nas festas do natal pude regalal-las com maçãs e nozes que mandei buscar; mas o que posso bem dar-lhes em uma estação que não ha senão ovos? A terra nada produz ainda; as arvores não têm fructas : os ovos são a primeira da diva da natureza renascente.

— É verdade, senhora, disse a Martha; mas é pena que os ovos sejam todos da mesma côr. Não ha duvida que a côr branca é bem bonita, mas a diversidade das côres das fructas agradam muito mais.

— Excellente idéa que me dás, Martha, disse a senhora depois de

um momento de reflexão; você vai cozinhar ovos duros, e vou experimentar tingil-os : a variedade das côres ha de agradar muito ás crianças. »

A boa e excellente senhora conhecia as plantas e as raizes que se empregam para tingir. Ella tingiu os ovos de côr de azul celeste, de amarella, de roxo, de vermelho; os que estiveram envolvidos em folhas verdes se impregnaram de lindos matizes, e em alguns ella poz divisas.

« Estes ovos tinctos, disse o moleiro admirando-os, convem bem para este tempo, em que a natureza se desfaz de sua veste uniforme para se adornar de mil côres variadas. A

boa senhora n'isto imita Deus que nos dá fructas deliciosas ao paladar e ao mesmo tempo agradaveis aos olhos. As cerejas são vermelhas e as ameixas azues, as pêras amarellas : os ovos que a senhora nos dá têm todas essas côres. »

Chegou a festa de Paschoa. Era um lindo dia de primavera. O sol já estava ácima do horizonte e espalhava um calor agradável em toda a região; o céo estava puro e calmo, sem uma só nuvem que encobrisse sua superficie azulada. Os prados começavam a se matisar de flôres; tudo respirava o contentamento; tudo convidava á alegria : era uma vida nova, um dia novo, um verdadeiro renascer da natureza.



Já antes do romper da aurora, a senhora com o velho Kuno tinham-se postos a caminho para irem á missa n'uma igrejinha que havia do outro lado da montanha, a duas leguas d'onde moravam. Todos aquelles que no valle podiam fazer a pé uma tão grande caminhada, acompanharam a religiosa estrangeira, que estava de volta a meio dia, graças á diligencia do bom velho, que puxava o asno pelo íreio. Quanto á boa gente do valle só chegaram quasi á noitinha.

Apenas chegára a senhora, todas as crianças do valle da idade do Edmundo e da Branca, que tinham ficado em casa e que estavam convidados havia muito tempo, acu-

diram com alegre diligencia. Ella mandou-os ir para o jardim, que o Kuno tinha aformoseado muito no anno que elles alli estavam. Todas as crianças sentaram-se em bancos de relva á roda de uma mesa fixa n'um rochedo e coberta com um honito panno. O Edmundo e a Branca estavam no meio d'ellas. Todas as crianças estavam alegres e contentes, via-se-lhes nos olhos que estavam impacientes por saber o que ia se passar. Na verdade o espectaculo era encantador, vêr-se todas essas cabecinhas louras e pretas, essas carinhas um pouco rosadas, abandonarem-se a todas as impressões que sentiam. A senhora dizia comsigo mesma. » Uma corôa de

flôres não é mais linda, fosse ella feita mesmo de rosas e de lyrios. »

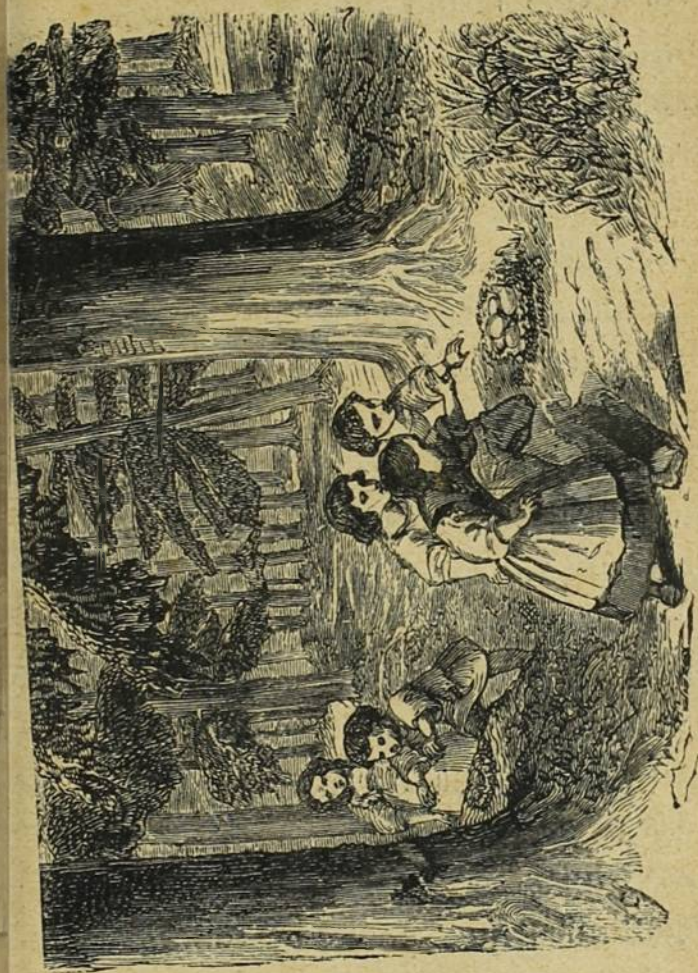
A senhora tomou a palavra e contou-lhes de um modo claro e commovente porque o dia de Paschoa era um dia de tão grande festa. Depois d'isto serviram uma terrina de leite com ovos. Cada criança tinha uma tijella nova; cada uma teve o seu quinhão e achou excellente. Havia perto do jardim um bosque de pinheiros, que estavam separados uns dos outros por bonitos bancos de relva. A senhora levou as crianças para alli e disse-lhes que apanhassem musgo nos rochedos e nas arvores e fizessem ninhos. Todos obedeceram pulando de contentes e d'ahi ha pouco os ni-



nhos estavam promptos, e foram postos nos differentes bancos de relva, cada criança tendo marcado o seu.

Voltaram outra vez para o jardim. Grande foi o contentamento quando viram em cima da mesa um grande bolo em fórma de corôa feito de ovos! A senhora serviu um pedaço a cada uma e enquanto se regulavam, a Martha esquivou-se de mancinho com um cesto cheio de ovos tinctos que ella repartiu pelos ninhos: esses ovos azues, encarnados, amarellos, marbreados sobresahiam admiravelmente bem n'esses ninhos de musgo verde e terno.

Quando as crianças acabaram de comer, a senhora disse. « Vamos



Nova surpresa ! Cada ninhe continha cinco ovos !



vêr o que fazem os nossos ninhosinhos! » Senhor Deus, que nova surpresa! Cada ninho tinha cinco ovos da mesma côr e em um dos cinco estava inscripto uma divisa. Que gritaria de contentamento não fizeram as crianças! Quem poderia descrever esses transportes de alegria? « Ovos encarnados! ovos encarnados! exclamava um! Oh! como são bonitos! Os meus são azues, dizia um outro, azues côr do céu!

— Eu, eu os tenho amarelllos, amarello mais brilhante do que a borboleta que vai alli voando!

— Olha, olha os meus, são de todas as côres!

— Oh! como devem ser bonitas as gallinhas que põem tão bonitos



ovos! exclamou um menino, eu bem quizera ter uma!

— Ah! não foram as gallinhas que os puzeram, disse a pequena irmã de Martha, creio antes que foi a lebre que acabo de vêr sahir matta e correr a toda a pressa, quando fui buscar musgo para fazer o meu ninho. « Ao ouvir estas palavras todas as crianças cahiram ás gargalhadas, dizendo : *A lebre põe ovos encarnados!* » gracejo que está ainda em voga em muitas regiões.

« Como com pouca cousa se divertem as crianças! disse a senhora com ternura, vendo-as tão alegres. Oh! quem não daria de bom grado? Como é mais doce dar do que receber! Quem não quireza estar ainda

na idade da simples infancia ? Essa alegria que brilha-lhes nos olhos e em todos os movimentos, só é d'aquellas que tem o coração puro e sem mancha. O verdadeiro prazer só existe para as almas innocentes. »

As crianças pareciam todas satisfeitas e não desajavam mais nada ; entretanto, a boa senhora offereceu-lhes ainda mais um divertimento. Quem tinha ovos amarellos desejava tambem ter um encarnado ou um azul ; o mesmo se dava com aquelles que tinham ovos encarnados ou azues. A senhora disse-lhes que trocassem entre elles, mas que cada um guardasse aquelle que tinha a divisa. Foi mais uma alegria para elles terem ovos de todas as côres.



« Assim é, meus amiguinhos, que devemos nos ajudar uns aos outros, e o que vocês fazem agora, mais de uma vez hão de ter occasião de tornar a fazer em muitas circumstancias da vida. Deus reparte suas graças entre todos os homens, distribue-lhes seus favores, com o fim que elles repartam entre si e que desfructem juntos, e que se amem uns aos outros. Oh! prouvera Deus que todas as trocas parecessem-se com a que vocês acabam de fazer! Todos ganharam com ella e ninguem perdeu! »

O pequeno Edmundo leu a sua divisa. Um pequeno carvoeiro ficou admirado de vel-o lêr: n'aquelle tempo havia ainda muito poucas es-



colas, e mesmo muita gente grande ignorava que é bom e util saber lêr e escrever. O pequeno carvoeiro quiz saber o que estava escripto no ovo d'elle. « Oh! um lindo preceito, disse a senhora; ouve : *É Deus quem te cria; dá graças a elle por sua bondade.* » Depois perguntou ás crianças se tinham sempre dado graças a Deus por ter feito bem a ellas. Esta pergunta fez-lhe lembrar que ellas ainda não tinham agradecido a Deus pela boa refeição que tomaram nem pelos bonitos ovos que tinham recebido; elles apressaram-se em cumprir este piedoso dever.

Então cada criança quiz saber o que havia de escripto sobre o seu

ovo. Chegaram-se todas para perto da senhora estendendo as mãos e com o ovo que tinha a divisa e exclamando todas ao mesmo tempo : « Ah! diga-me o que está escripto no meu! ah! leia primeiro este!... Não senhora, faça favor de lêr primeiro o meu! »

A senhora mandou fazer silencio, formou todos diante d'ella, para lêr as divisas cada uma por sua vez. Eram preceitos de moral, simples e ao mesmo tempo curtos. Eil-os :

O primeiro dever meu filho :  
É de amar a Deus.

Evita peccar :  
Deus sabe de tudo

É Deus quem te cria  
Rende graças á sua bondade.

Um coração reconhecido  
Volve-se para o Céu.

Confia em Deus;  
Elle te ajudará.

Quem se esquece de Deus  
É sempre infeliz.

Quem venera Jesus  
Faz o que elle nos ensina.

A prece e o trabalho  
Torna bom e honesto.

A piedade, a bondade, a pureza,  
São tres pedras preciosas.

Um bom menino  
Obedece promptamente.

Nada aproveita  
Em ser desobediente.

Um bom coração  
Poupa-se muitos desgostos.



Crianças, quando vocês coram,  
É Deus que te avisa.

A criança amavel e pura  
Tem o esplendor da rosa.

A modestia, meu filho,  
É o mais bonito ornamento.

No mentiroso não se tem confiança.

A hypocrisia  
É o veneno da vida

Pão ganho  
Desperta o appetite.

A intemperança  
Gera desprezo e remorso.

A avareza endurece o coração.

O homem religioso  
Ajuda quando póde.

Colera, odio, inveja,  
Verdadeiros tormentos da vida.

Nos males, a paciencia é uma fonte inesgotavel de consolações.

Nada de mais precioso do que a doçura, o silencio e a amizade.

É a bondade e não a fortuna que nos torna queridos do proximo.

Uma boa consciencia é um travessero macio.

Quem faz bem sempre está contente.

Os gozos do mundo são passageiros: os proveitos da virtude se conservam.

Pensa sempre que tens de morrer.

Corôas eternas  
Esperam o homem piedoso.

As crianças trataram logo de apprender de cór as divisas, e repetiam-n'as em voz baixa de vez em

quando para não se esquecerem. Então a senhora perguntou se ellas já sabiam todas. Algumas custaram a recital-as, outras foi preciso asso-  
prar-lhes. Mas isto durou pouco; instantes depois todas as sabiam; bastava dizer-lhes a primeira palavra e continuavam logo até o fim. Nunca tinham apprendido tão bem, e isso brincando e divertindo-se.

Os gritos de contentamento echoaram até o fundo do valle, e os parentes assim como as crianças que não assistiram á festa vieram todos correndo para saber o que havia de novo no jardim da boa senhora. Ficaram todos admirados quando souberam o que se passava. « Nossos filhos, disseram elles, aprende-



ram mais aqui em meia hora do que teriam aprendido em casa em seis mezes, tanto é exacto que a boa vontade não tem medo do trabalho e não conhece obstaculos. — É verdade, replicou o moleiro, mas é preciso saber inspirar essa boa vontade, eis o difficil!... Mas, vejam! é em ponto pequeno, um compendio de preceitos e de instrucções para a mocidade. Oh! como esta senhora sabe como se deve educar as crianças! »

A senhora repartiu com os que acabavam de chegar o que tinha ficado de ovos tinctos e de bolo. « Vocês podem guardar para comer em casa, disse ella; mas devem ficar bem como uma lembrança os

ovos que têm uma divisa. — Oh! fique descansada, minha rica senhora, responderam as crianças, havemos de guardal-os, a divisa vale mais do que o ovo. — É verdade, respondeu ella, se vocês observarem o que ella prescreve. »

A senhora recommendou aos parentes que lembrassem a divisa ás crianças em occasião opportuna; os parentes seguiram o conselho. Uma criança não obedecia, logo o pae, ameaçando-o com o dedo começava por dizer : *Um bom menino...* e a criança continuava logo : *obedece promptamente*, e ia logo fazer o que se lhe tinha dito. Uma criança parecia estar pregando uma mentira, a mãe dizia-lhe : « *No mentiroso...* »

e a criança continuava : « *não se tem confiança*; » e logo ella corava e tinha vergonha de mentir. E os paes applicavam tambem os preceitos das outras divisas.

As crianças não cançavam de dizer que nunca tinham passado um dia tão bom. « Pois bem, disse-lhes a senhora, fiquem quietos, estudem bem e todos os annos eu lhes darei uma festa assim. Mas não queremos maus meninos aqui; a nossa festa é sómente para os bons meninos e as boas meninas. » Ora, as crianças do valle faziam tudo para serem socegadas e obedientes!





## UM OVO QUE VALE O SEU PESO DE OURO

Entre os espectadores d'esta festinha, a senhora tinha reparado n'um rapaz que não parecia tomar parte na alegria geral. Este rapaz podia ter uns dezeseis annos de idade, estava pobrementemente vestido, mas os seus modos, sua maneira de se ter, sua physionomia, seu semblante doentio, faziam gostar d'elle : seus compridos cabellos louros cahiam-

lhe nos hombros, e trazia na mão um bastão de viagem.

Quando toda gente se retirára, a senhora commovida de compaixão, approximou-se d'elle e perguntou-lhe a causa de sua tristeza. « Ah! suspirou o moço contendo as lagrimas, meu pae, que era um pobre canteiro, morreu ha tres semanas. Com esse fallecimento ficamos reduzidos á ultima miseria ! Tenho mais um irmão e uma irmã mais moços do que eu : nossa pobre mãe está quasi sem meios para nos dar de comer. Um tio meu quer-me tomar para me ensinar o officio de meu pae, assim eu hei de poder ganhar do que comer e com que ajudar a minha mãe. Estou em viagem para

a casa d'elle. Já fiz umas vinte leguas, ainda tenho que andar outras tantas, porque meu tio mora muito longe, do outro lado d'estes montes. »

A senhora, que achava conformidade entre a sorte da pobre viuva e a sua, não pôde deixar de chorar ouvindo a narrativa do rapaz. Ella deu-lhe leite, ovos, bolo e algumas moedas de prata para a sua mãe. O Edmundo e a Branca ficaram também commovidos. « Toma este ovo encarnado, disse a Branca, dá á tua irmãsinha e abraça ella por mim. — Está aqui um ovo azul, disse o Edmundo, leva a teu irmão, e diz-lhe que venha nos vêr uma vez, elle ha de comer connosco doces e sopa



de leite. » A senhora tomou por sua vez um ovo, sorrindo e voltando-se para o moço, disse : « Dá este ovo á tua mãe; a maxima que está n'elle escripta é a melhor consolação que lhe posso dar : « *Confia em Deus, elle te ajudará.* » Se ella se compenetrar bem d'esta verdade e fizer d'ella a regra de sua vida, terei-lhe eu feito o mais util presente que se possa dar. »

O moço agradeceu. Elle passou a noite em casa do moleiro, e no dia seguinte de manhã, logo que os rochedos do alto do valle se allumiam com os primeiros raios do sol, poz-se a caminho, levando pão d'aveia e queijo de cabra, que o ge-

neroso moleiro tivera a delicadeza de pôr no seu alforge.

Fridolim (era o nome do moço) continuou sua jornada atravez dos rochedos, dos valles e das montanhas, e andou tanto que ao cahir do terceiro dia estava apenas a poucas leguas da casa do tio. Como elle subia costeando um rochedo muito ingreme, avistou de repente no fundo de um precipicio horrivel, um cavallo coberto com uma bonita manta escarlata e as redeas parecendo de ouro. O animal levantou a cabeça para elle e poz-se a rinchar como se quizesse mostrar o seu contentamento e chamal-o a seu soccorro. « Oh! meu Deus, como é que este cavallo veiu ter a este



abysmo terrivel? Pelas apparencias parece pertencer a algum cavalheiro. Deus queira que o amo não tenha tido nada! Um cavallo, sem cavalleiro e em um lugar d'estes : estou inquieto! Decididamente vou vêr o que ha. » Fridolim procurou durante muito tempo por onde podia descer ao vallesinho; emfim encontrou um estreito atalho, feito entre os rochedos por uma torrente que estava secca n'aquella occasião, e por alli desceu sem accidente. Encontrou um homem deitado no declive de um rochedo : elle tinha um porte nobre e estava vestido como um cavalheiro; sua lança e o capacete com um brilhante penache estavam ao lado d'elle. Vendo a sua





Elle encontrou um homem deitado no declive  
do rochedo.

extrema pallidez, Fridolim ficou na duvida se o homem estava dormindo ou morto. Emfim abaixou-se com compaixão, pegou-lhe pela mão, e disse com voz commovida : « Meu caro senhor, o senhor está doente? »

Ao ouvir estas palavras, o desconhecido entreabriu os olhos, fixou-os no moço, e, dando um suspiro, quiz fallar, mas não pôde articular uma só palavra; levando a mão á boca, apontou para o capacete que estava ao lado. Fridolim comprehendeu que elle queria beber; tomou o capacete e foi á procura de algum riacho ou de alguma fonte. Velhos salgueiros isolados, que descobriu não longe d'alli, fizeram-lhe presumir que devia haver agua perto. Abriu



caminho por entre os rochedos e as mattas, encontrou uma terra humida, e, mais além, uma fonte limpida, que brotava de um rochedo coberto de musgo. Encheu o capacete e voltou para perto do estrangeiro. Este bebeu a grandes tragos por diversas vezes, e pouco a pouco recuperou a falla.

« Louvado seja Deus! » taes foram as suas primeiras palavras. — Muito te agradeço, disse elle depois com voz fraca, apoiando a cabeça nas mãos, muito obrigado, bom e compassivo moço! foi Deus quem dirigiu teus passos para aqui para me arrancares a uma morte dolorosa.

Mas tenho uma fome devoradora;



não tens por ahi alguma cousa que se possa comer?

— Ah! meu Deus! disse Fridolim, porque é que não soube antes? Tinha pão e queijo no meu alforge. Infeliz que eu sou, tudo comi! Mas espere, exclamou elle todo contente, tenho ainda ovos : é uma comida sã e fortificante; vai-lhe fazer bem. » Dizendo isto assentou-se ao lado do estrangeiro, tirou os ovos duros, descascou um, cortou-o em fatias e deu ao doente que comia e bebia ao mesmo tempo.

Fridolim ia já quebrar o terceiro ovo. « Está bom, basta, meu rapaz, disse-lhe o cavalheiro, não se deve comer muito de cada vez, principalmente depois de grande abstinencia :

por agora basta. Nunca fiz uma refeição tão boa; graças a Deus, estou-me sentindo com mais força. » Dizendo isto, levantou-se. « Ah! se você não tivesse vindo, esta noite seria a ultima da minha vida. »

— Nobre cavalheiro, disse Fridolim examinando mais minuciosamente sua brilhante couraça e suas magnificas roupas, como é que o senhor e o seu cavallo vieram ter n'este horrivel precipicio?

— Eu sou apenas escudeiro, respondeu o homem, e estou viajando ha já algumas semanas em serviço do meu amo. Perdi-me n'estas montanhas; surprehendido pela noite e no meio das trevas precipitei-me n'este abysmo com o meu cavallo



Elle não teve nada e ficou de pé, mas eu me machuquei tanto no pé, que não pude mais andar nem montar a cavallo. É um milagre que eu tenha morrido com a queda; nunca poderei agradecer bastante a Deus. Curei a ferida, mas a febre me pegou, e não esperava mais senão morrer de fome no meio d'estes rochedos quando chegaste como um anjo mandado do céu para me chamar á vida. Agora, diz-me tu meu bom rapaz, como que é vieste parar n'este horrivel deserto?

Fridolim contou então tudo quanto lhe tinha acontecido, e o homem ouvia com attenção o que elle dizia, interrompendo-o de vez em quando para lhe fazer certas perguntas :



« Como acho bonito, dizia elle, essas cascas de ovos encarnados e azues espalhados ahi pelo chão em cima da herva : é maravilhoso, nunca vi cousa tão bonita. Ah! mostra-me ainda o ovo que puzeste em teu alforge; deixa-me examinal-o melhor. »

Fridolim deu-lh'o, dizendo que lh'o tinham dado. O escudeiro examinou bem o ovo, e com os olhos cheios da lagrimas, disse : O que está escripto n'este ovo, é verdade : « *Confia em Deus elle te ajudará na afflicção!* » Ah! acabo de verificar que isto é verdade : do fundo d'este abysmo implorei o seu soccorro. Elle ouviu minha voz supplicante. Que elle seja louvado. Abençoadas

sejam as duas crianças que te deram esses ovos! Ah! elles não pensavam salvar a vida a um estrangeiro, tirando-o de uma morte cruel! Abençoada seja nobre senhora que escreveu sobre este ovo esta divisa consoladora. Meu amigo, continuou elle, dê-me este ovo, quero guardal-o para ter sempre diante dos olhos esta maxima, cuja verdade manifesta-se da modo tão patente. Quero que os meus filhos e netos sejam confirmados na confiança em Deus, vendo este ovo e lendo esta maxima. Talvez que d'aqui a cem annos meus tataranetos contem como é que dois ovos salvaram-lhes a vida. Dá-m'os: eu te darei uma outra cousa. » Dizendo isto tirou a bolsa, deu a Fri-

dolim uma moeda de ouro por cada ovo que tinha comido e duas por aquelle que tinha a divisa. O moço não queria dar o ovo, mas acabou por ceder aos pedidos do pobre ferido.

Este disse então levantando os olhos para o céu :

« O dia já vai acabar, as mattas e os rochedos começam a ficar dourados com o sol poente, vê se podes me fazer montar o meu cavallo. O caminho pelo qual desceste n'este precipicio dá esperanza de poder sahir d'elle. »

Fridolim ajudou-o a montar a cavallo e foi puxando o animal pela redea. A muito custo, conseguiram sahir do barranco e chegar ao alto



de monte! Oh! que sensação agradável sentiu o infeliz estrangeiro quando tornou a vêr as florestas e os montes allumiados pelos raios do sol poente!

« Podemos ainda hoje chegar á casa de meu tio, disse Fridolim : eu ando bem e depressa, e o seu cavallo não ha de ficar atraz. O cavalheiro ha de ser bem recebido : meu tio é um bom homem. Não só lhe ha de dar agasalho, como tambem lhe ha de tratar até ao seu completo restabelecimento. »

Ao anoitecer, chegaram á cabana do honesto canteiro, que recebeu affavelmente o escudeiro, e batendo no hombro do seu joven sobrinho, felicitou-o por se ter tão bem com-

portado n'esta occasião. O Fridolim, fez sentir o quanto estava penalisado por não poder cumprir com a vontade da boa senhora e dos seus filhos, mandando os ovos tinctos á sua mãe, ao seu tio e á sua irmã.

« O que é que estás ahí a contar? disse lhe o tio, na verdade não comprehendo nada ao que me estás dizendo ha meia hora, ovos vermelhos, azues e de outras côres! Não comprehendo tambem o que têm de melhores esses ovos do que os outros, que tambem valem alguma cousa; mas mesmo que fossem de ouro não podias empregal-os melhor. Evitaste que um homem morresse de fome, e te conduziste como um honesto rapaz. Fizeste o mesmo

que o bom Samaritano ; agora cumpre-me fazer o resto... E tu nada pagarás, comprehendeste ? » accrescentou elle sorrindo.

O escudeiro mostrou o ovo com a divisa : « Na verdade é bem bonito, disse o tio ao sobrinho ; mas não tenhas pena. Este ouro ha de agradar mais á tua mãe. Dá cá, vou trocal-o : tua mãe poderia vêr-se embaraçada em achar troco. » O rapaz ficou admirado vendo tanto dinheiro miudo que elle teve pelo seu ouro ; elle não conhecia o valor do ouro. « Vês-tu, disse-lhe o tio, tua mãe tambem comprehende a verdade d'esta maxima : « *Deus ajuda na afflicção.* » É uma maxima mais preciosa do que todo o ouro do



mundo; convem, porém, não precisar de um ovo para reconhecer-a : nunca te esqueças d'isto, meu amigo. »

O escudeiro ficou em casa do cantor até ficar de todo restabelecido, e não deixou de remunerar generosamente, quando partiu, toda a gente da casa.



## VI

### UM OVO ENGASTADO EM OURO E PEROLAS

Durante a boa estação nada houve de novo no valle. Os carvoeiros cultivavam seus campinhos e iam ao matto fazer carvão; as mulheres cuidavam da casa e criavam muitas gallinhas, e as crianças perguntavam sempre se ainda faltava muito para chegar á Paschoa.

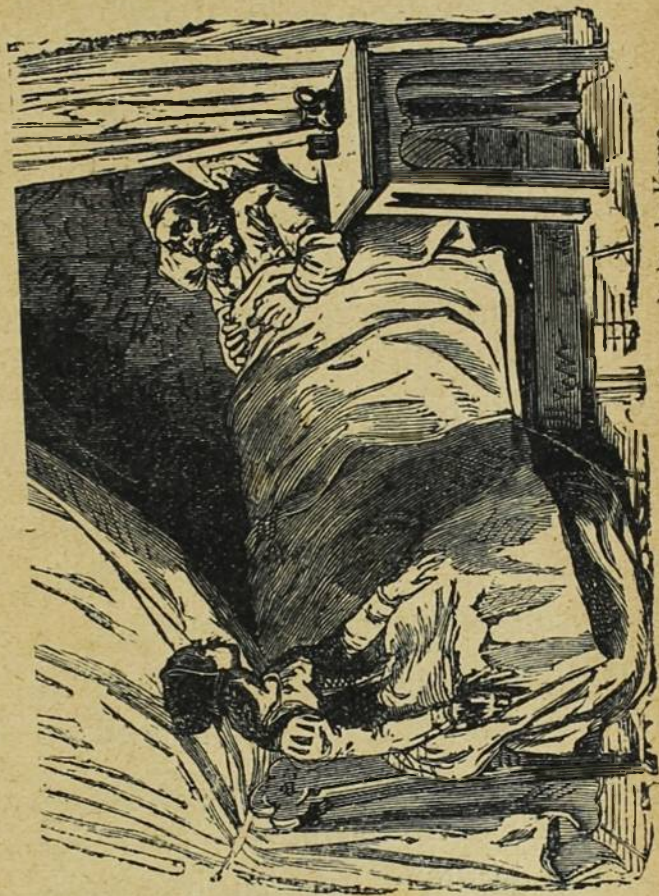
A nobre senhora, porém, vivia

muito afflicta. O seu velho o fiel servidor, que a tinha acompanhado no seu ermo, que tomava conta dos seus negocios e que fazia viagens mais ou menos longas, não podia mais se ausentar do valle : estava sempre doente, as forças iam-lhe diminuindo de mais a mais, e quando o outomno começou a amarellecer as folhas, das arvores elle foi obrigado a não sahir mais de casa, podendo apenas ficar á porta para se aquecer aos raios do sol. A boa senhora muito chorava em silencio ao vêr o pobre velhe soffrer tanto, e sentia perder o seu unico arrimo. Ella affligia-se tambem com a idéa que lhe ia faltar noticias da sua patria, e que teria de ficar n'este valle



para bem dizer sequestrada do mundo inteiro.

Mas não era só isso, e Céó reservava-lhe mais outras penas. Os carvoeiros voltaram um dia do bosque dizendo que, na noite anterior, estando elles assentados ao redor das carvoarias, vieram a elles quatro estrangeiros, todos encouraçados, de capacete na cabeça, espada á cinta e lança na mão, dizendo serem os vassallos do conde de Schoffeneck, que acabava de chegar á montanha com grande cavallaria; disseram que esses homens tinham-se informado de tudo quanto se passava na região. O moleiro foi dar esta noticia á senhora, que elle encontrou assentada á cabeceira do



A nobre sennora estava sentada ao lado de Kuno.



bom Kuno. Ao ouvir o nome de Schoffeneck, a senhora empallideceu e exclamou :

« Deus do Céu! é o meu mais cruel inimigo : não ha que duvidar, sou eu quem elle persegue! Deus queira que os carvoeiros não tenham indicado o meu retiro á essa gente! »  
O moleiro tratou de tranquillisal-a, assegurando-lhe que não se tinha fallado n'ella, que esses homens armados tinham-se approximado do fogo sómente para se aquecerem, e que tinham partido logo ao amanhecer; mas que andavam ainda a rodar pela montanha.

« Meu caro Oswald, disse a senhora, desde o dia em que você me acolheu em sua casa, conside-



rei-o sempro como um homem religioso, justo e leal. Vou confiar-lhe as minhas penas e o justo terror que apoderou-se de mim. Conto com o seu auxilio e os seus bons conselhos, e os seguirei com toda confiança

« Eu sou Rosalinda, filha do duque de Borgonha. Dous distinctos condes, Hannon de Schroffeneck e Arno de Lindenburgos empenhavam-se para casar conmigo. Hannon era um senhor muito rico e poderosissimo; elle tinha muitos castellos e homens d'armas, mas os seus sentimentos eram baixos e viciosos. Arno era um dos mais nobres e dos mais valentes cavalheiros de todo o paiz, mas era pobre em comparação

á Hannon : elle tinha herdado do seu generoso pae apenas um castello arruinado, e seus sentimentos eram por demais nobres para que se enriquecesse pela força. Foi Arno que o meu coração preferiu. Meu pae approvou a escolha, e eu levei de dote ao meu esposo bens consideraveis e alguns castellos. Vivemos na mais perfeita união e a nossa felicidade augmentava cada dia mais.

Mas Hannon vendo que não era elle o preferido, tomou odio de mim e do meu marido e jurou vingar-se. Entretanto, elle occultou sua animosidade : a prudencia o impediu de abrir as hostilidades. Emfim, meu marido foi obrigado a acompanhar o imperador á guerra contra os po-

vos pagãos. O Hannon devia ir com elles, mas por differentes pretextos, demorou seus preparativos e deixou-os partir, promettendo partir para o exercito pouco tempo depois. Enquanto meu marido combatia na fronteira pela patria e que se cobria de gloria repellindo seus numerosos inimigos, o traidor Hannon assaltava nossas terras sem seus defensores. Devastou todos os arrabaldes, invadiu successivamente todos os nossos castellos, e só me restou o recurso de fugir ás escondidas com os meus dous filhos. O meu bom velho Kuno foi o meu anjo tutelar n'esta fuga perigosa, na qual eu arriscava a cada passo de cahir entre as mãos de Hannon. Elle conduziu-



me á estas montanhas onde achei um retiro.

« Contava ficar aqui até que meu marido voltasse e arrancasse os nossos bens das garras d'esse mau homem. Kuno ia de vez em quando saber noticias da guerra; mas até agora o que elle tem sabido é desesperador. O Hannon continuava sempre a gozar do fructo de sua usurpação, e a guerra continuava nas fronteiras com successos ora para uns ora para outros. Mas ha quasi um anno que o bom Kuno está doente e desde esse tempo não tenho tido mais noticias da minha patria nem do meu querido esposo. Ah! quem sabe se elle já não cahiu aos golpes dos inimigos! Hannon des-

cobriu talvez o meu retiro, e eil-o tão perto de nós!... O que vai ser de mim? É meus filhos? A morte é o menor mal que posso esperar d'esse homem... Ah! falle com os carvoeiros, meu caro Oswald, e roguelhes que não me atraíçoem!

— Atraíçoar-lhe! disse o moleiro, eu respondo por todos : elles estão promptos a dar a vida pela senhora. Antes que Schoffeneck lhe faça a menor avania, nos ha de têr todos pela frente. Não se atormente, nobre senhora! » Foi tambem esta a linguagem dos carvoeiros, quando o virtuoso moleiro lhes poz a par do que se passava. « Que elle appareça! exclamaram, que elle venha! ha de

ser com as nossas pás que lhe mostraremos o caminho! »

Não obstante a boa senhora andava sempre afflicta. Ella não se atrevia a sahir de casa, nem deixava sahir os filhos. Passava os dias e as noites em continuo susto. Emfim, quando reinou a calma nas montanhas e que não viram mais homens armados, ella dicidiu-se um dia a dar um pequeno passeio : era por um bello dia de outomno, após muitos semanas de chuva e de mau tempo.

Algumas centenas de passos distante da sua casinha, havia uma especie de capella rustica. Dentro d'ella existia um bonito quadro representando a fuga para o Egypto,





Um pouco mais longe, havia um rustica capella.

que o Kuno tinha trazido de uma de suas excursões, para que sua ama n'elle encontrasse consolações. A capella estava achava-se em alto rochedo, e bonitas arvores davam sombra na entrada. Era um lugar que tinha alguma cousa de melancolico e silencioso; a gente alli parava com o coração commovido. Lá se ia ter por um caminho agradável, entre rochedos pittorescos e pequenas copoeiras : era o passeio favorito da senhora.

Ella lá foi n'esse dia, com o coração constrangido. Ajoelhou-se com seus filhos n'um banco á entrada da capella. A semelhança de seu destino com o da Mãe divina, obrigada tambem a se refugiar com



o filho em solo estrangeiro, comoveu-a muito e fel-a chorar. Ella resou durante alguns instantes, depois assentou-se no banco. As crianças divertiam-se a apanhar amoras entre os rochedos, gritando contentes por que cada amora parecia uma pequena uva preta; e pouco a pouco afastaram-se para bem longe.

Emquanto ella estava sósinha, com seus tristes pensamentos, um homem sahiu d'entre os rochedos e veiu direito á capella. Elle tinha, como os romeiros, uma vestimenta preta comprida, e por cima uma capa curta; seu chapéu estava enfeitado de conchas do mar; na mão tinha um enorme bastão branco. Elle parecia muito velho; seu porte



porém era nobre e o andar firme e resolutivo. A sua comprida cabelleira, que cahia-lhe em desordem sobre os hombros, e sua barba era branca como a neve; o rosto, porém, ainda tinha o frescor da mocidade.

A senhora ficou assustada e recuou ao vêr o estrangeiro. Este cumprimentou-a respeitosamente e poz-se logo a conversar com ella. Por muito tempo ella mostrou-se desconfiada, olhando-o com receio e procurando descobrir se podia fiar-se n'elle.

« Nobre senhora, disse enfim o peregrino, não desconfie de mim; a senhora não me é extranha eu a conheço melhor do que a senhora suppõe : a senhora é D. Rosalinda

de Borgonha. Sei qual foi a horrivel causa que a obrigou a procurar um refugio no meio d'estes aridos rochedos; seu esposo, de quem a senhora está separada ha tres annos, tambem o conheço perfeitamente. Depois da sua retirada para aqui, muita cousa se tem passado no mundo. Se Arno de Lindenburgo ainda está vivo no seu coração, e se a senhora quer saber noticias d'elle eu posso lhe dar excellentes. Está concluida a paz, o exercito christão entrou para os seus lares, coroados de louros. Seu esposo tornou a entrar em possessão dos seus dominios e castellos. Hannon, seu odioso perseguidor, está fugido : refugiou-se primeiro

por aqui, mas foi obrigado a retirar-se e ir para mais longe. Seu marido, minha senhora, só tem agora um unico e ardente desejo : é o de encontrar na senhora a sua terna e bem amada esposa.

— O que é que o senhor está dizendo ? exclamou D. Rosalinda transportada. Eu terei meu marido ? Benedicto sejais vós, oh ! meu Deus ! » Dizendo isto, cahiu do joelhos e as lagrimas correram-lhe pelas faces. » É verdade, disse ella, é, Deus misericordioso, vistes minhas lagrimas, ouvistes as minhas supplicas, attendestes ás minhas preces que nunca deixei de fazer. Oh ! Arno ! Arno ! porque já não estou perto de ti ! oh ! quanto eu desejo mostrar-te



teus filhos que deixaste tão pequenos! Vem, vem depressa ouvir pela primeira vez da sua boca o doce nome de pae! Ah! o senhor pergunta-me se ainda penso em meu marido, se a sua imagem ainda está gravada no meu coração! Venham, venham cá! gritou ella para os filhos, que estavam um pouco afastados olhando para o peregrino com curiosidade, venham depressa! »

As duas crianças vieram « Aproxima-te, Edmundo, disse ella a seu filho beijando-o e animando-o para que não fosse timido e fallasse claramente : recita a reza que dizemos todos os dias de manhã por papá. »

O Edmundo poz as mãosinhas

com recolhimento, e com emoção, os olhos levantados para o céu, disse : « Oh ! nosso Pae do céu ! tende piedade de dous pobres orphãos ! Nosso pae está na guerra ; conservai-lhe, oh ! meu Deus, os seus preciosos dias : nós vos promettemos, senhor, de ser religiosos e bons, para agradar ao nosso pae e para que elle nos ame bastante quando voltar. Deus todo poderoso, ouvi nossa prece !

— E tu, Branca, disse a mãe, virando-se para a pequena de cabellos louros frisados, e ás faces rosadas, como é que nós rezamos todas as noites antes de nos deitarmos ? » A boa menina poz as mãos como fizera seu irmão, levantou os olhos

azues para o céo e com voz suave e tímida : « Nosso pae que estás no céo ! antes de irmos descansar, imploramos-lhe por nosso bom papá que vós nos destes sobre a terra : dai-lhe uma noite calma e boa, e que os vossos anjos o preservem de qualquer ataque inimigo ! Manda tambem um somno calmo á nossa mãe para que ella se esqueça por alguns momentos todas as suas penas e magoas, ou então, se ella não merece isso, que o nosso pae aproveite. Oh ! meu Deus faça com que seja esta a ultima noite de nossa triste separação ! que seja em breve o dia tão desejado em que o vejamos !

— Amen ! amen ! » disse a mãe



pondo as mãos e levantando para o céo os olhos banhados de lagrimas.

O peregrino não poudo conter-se por mais tempo; desatou n'um pranto. Rapidamente atirou para longe de si a cabelleira, a barba, a veste e a capa de peregrino. Era agora um guerreiro coberto de ouro e purpura, jovem, bello, cheio de força e de vida! Estendendo os braços para a sua mulher e seus filhos, exclamou do fundo do seu coração opprimido: « Oh! Rosalinda! minha esposa! Edmundo! Branca! meus queridos filhos! »

A boa D. Rosalinda ficou muda de jubilo e de surpresa. As crianças logo que viram chorar o peregrino, olharam para a mãe, como se qui-



« Oh ! Rosalinda ! minha esposa ! »



zessem implorar soccorro, e viraram-se quando ouviram pronunciar seus nomes, e ficaram surprehendidos ao vêr a metamorphose subita do peregrino. Lembrando-se das historias da legenda que a mãe lhes lia, julgaram que o velho tinha-se de repente transformado em um anjo, tanto elle lhes pareceu bello; e, com effeito, o Arno era o mais esbelto cavalheiro de todo o exercito christão. Oh! Qual não foi a alegria d'elles, quando souberam que esse homem era o seu querido pae, esse desejado pae do qual lhes tinham tanto fallado! Pae, mãe e filhos, transportados em extase, criam-se já reunidos no céo. Passaram-se algumas horas assim, como se fossem minutos.



D. Rosalinda soube do seu esposo que elle acabava de chegar com uma numerosa escolta para busca-la, que tinha deixado seu sequito mais atraz por causa da difficuldade dos caminhos; que para chegar mais depressa perto d'ella, tinha vindo adiante, a pé, vestido de peregrino, com o fim de saber da saúde d'ella e dos filhos e avisar-lhe da sua chegada. D. Rosalinda perguntou-lhe como é que tinha descoberto onde ella estava.

« Oh! minha Rosalinda! respondeu elle, a nossa reunião é o fructo da tua beneficencia para os pobres e sobretudo para as crianças d'este valle, e como recompensa que Deus restituiu a estas crianças o pae que

elles não tem cessado de pedir. Sem os teus generosos sentimentos ainda não nos teríamos visto : talvez mesmo que não nos vissemos nunca, porque estavas rodeada de inimigos e podias de um dia para outro cahir em suas garras. Hannon te procurava com a sua tropa, e elle retirou-se d'estas montanhas porque sabia que eu ia chegar. Olha, acrescentou elle mostrando-lhe o ovo com a divisa : *Confia em Deus, elle te ajudará* ; foi d'este ovo que Deus serviu-se para nos reunir. Ha já muito tempo que mando gente minha por toda a parte á tua procura, mas debalde. Um dia vejo chegar Egbert, um dos meus escudeiros ; elle demorára-se tanto tempo ausente

que eu já não contava mais vê-lo. Elle tinha cahido n'um precipicio e estava prestes a morrer de fome, quando um rapaz o encontrou n'esse triste estado, mitigou-lhe a fome com dous ovos, e deu-lhe este em lembrança de seu feliz salvamento. Egbert mostrou-me o ovo quando voltou. Grande Deus ! qual não foi a minha surpresa quando logo conheci a tua letra. Montámos logo a cavallo e corremos a todo o galope até á essa pedreira de marmore onde trabalhava o tal rapaz. Foi elle quem me guiou até aqui. Se o teu bom coração não te tivesse inspirado a idéa de dar uma festinha ás crianças offerecendo-lhes ovos de Paschoa, se tu não tivesses pensado em instruir



essas crianças ao mesmo tempo que as divertias, por meio das bellas maximas que escreveste nos ovos ; e se todos, tu, meu bom Edmundo, e tu, minha querida Branca, se tivessem sido menos caritativos para um pobre moço estrangeiro, este bello dia nunca teria brilhado para nós ! Ah ! o mais pequeno beneficio nos vale a benção do céo, quando elle vem de um coração puro e desinteressado : é uma semente que produz abundantes fructos. Deus recompensa a charidade aqui mesmo na terra. Pensem bem n'isto, meus caros filhos. Dêem aos pobres, dêm-lhes de boa vontade : sejam em tudo o exemplo de sua mãe. Ajudem aos infelizes, e vocês

hão de ser ajudados; sejam misericordiosos, e não de obter misericórdia. Então poderão repousar com confiança na Providencia divina, e não de encontrar ainda para o futuro o cumprimento da verdade eterna inscripta n'este ovo, e da qual a nossa historia é uma tocante prova. Lembrem-se sempre do dia de hoje; confiem sempre em Deus e elle nunca vos ha de abandonar. Vou mandar encastoar este ovo com perolas e ouro e hei de pendural-o no altar da nossa capella, como lembrança da nossa feliz união.

Entretanto, o dia começava a declinar e já se viam brilhar algumas estrellas no firmamento. O conde seguiu com a sua esposa para a sua

casinha campestre; as duas crianças corriam na frente. Uma nova satisfação alli os esperava. Lá estavam Egbert e Fridolim que foram dar a noticia ao Kuno da chegada seu querido amo; noticia esta que quasi que deu a saúde ao bom do velho! Fridolim foi o primeiro que appareceu á condessa e aos filhos e cumprimentou a todos alegremente como antigos conhecidos. Depois d'elle veio o Egbert a quem os ovos salvaram a vida; elle cumprimentou a condessa com todo o respeito, e disse : « Permitta-me, senhora condessa, que eu cubra de beijos esta mão bemfeitora que com a vontade de Deus salvou-me a vida. » O conde beijou com ternura o Kuno,



seu velho servidor, apertou com gosto a mão do bravo moleiro, que tinha posto a sua bella roupa dos domingos. Elles jantaram todos juntos e nada faltou ao contentamento geral.

No dia seguinte, que alegria em todo o valle! A noticia que um grande fidalgo era o marido da boa senhora poz tudo em movimento. Grandes e pequenos todos apressaram-se em vir vê-lo, e a casinha não póde contêr tanta gente. O conde sahiu com a sua mulher e seus filhos. « Oh! nós nada fizemos, disseram elles com os olhos cheios de lagrimas, foi a senhora, foi ella que nos encheu de amabilidades! » O conde conversou mui-

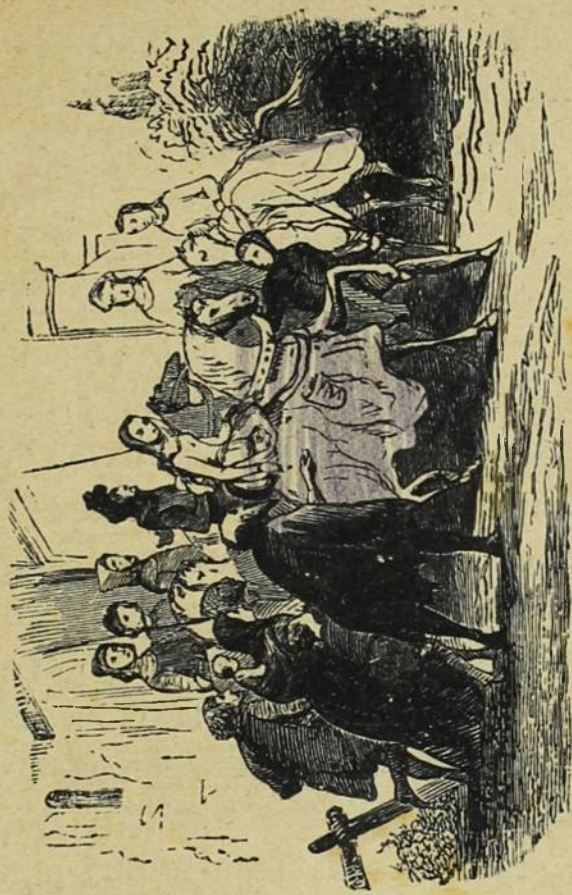
to tempo com essa honesta gente, fallou a todos, todos ficaram penhorados com a sua benevolencia e affabilidade.

Emquanto isto se passava, alguns carvoeiros tinham mostrado o caminho do valle á comitiva do conde. D'ahi ha pouco ouviu-se o som das trombetas e viram uma quantidade de cavalheiros, de escudeiros a pé e a cavallo surgir entre duas montanhas cobertas de mattas; as armas brilhavam ao reflexo dos raios do sol.

Todos elles cumprimentaram a condessa com transportes de alegria e os gritos de regosijos, repetidos pelos echos dos rochedos, retiniram ao longe.

O conde ficou ainda alguns dias





Todos, muito alegres, cumprimentavam-n'a.



no valle. Na vespera do dia da sua partida com sua esposa e filhos, com o Kuno e a sua comitiva, elle offereceu um grande jantar a todos os habitantes do valle. Estavam reunidos á mesa o moleiro, os carvoeiros, o conde e a sua familia. No fim do jantar, o conde fez ricos presentes a todos os seus hospedes e principalmente ao moleiro. Martha continuou ao serviço da condessa. O conde não se esqueceu em suas dadivas do bom Fridolim e sua familia. Depois dirigindo a palavra aos filhos dos carvoeiros : « Eu quero, meus amiguinhos, disse elle, fundar uma obra em favor de vocês, em razão da estada de minha mulher no meio dos seus paes; eu quero

que todos os annos, por occasião da festa da Paschoa, distribua-se ás crianças, ovos tinctos de todas as côres. E eu, disse a boa da condessa, quero, em lembrança do meu livramento, que se faça a mesma cousa no nosso condado e que se dê a cada criança um ovo. » O que na verdade se fez: deram a esses ovos o nome de *ovos de Paschoa*, e pouco a pouco este costume espalhou-se por todo o paiz.

Quando este costume foi introduzido em outras regiões, os habitantes contam a maneira como a condessa foi tirada do seu arido valle, e o escudeiro salvo de uma morte certa, nos commove, é verdade, mui indirectamente para que tenhamos

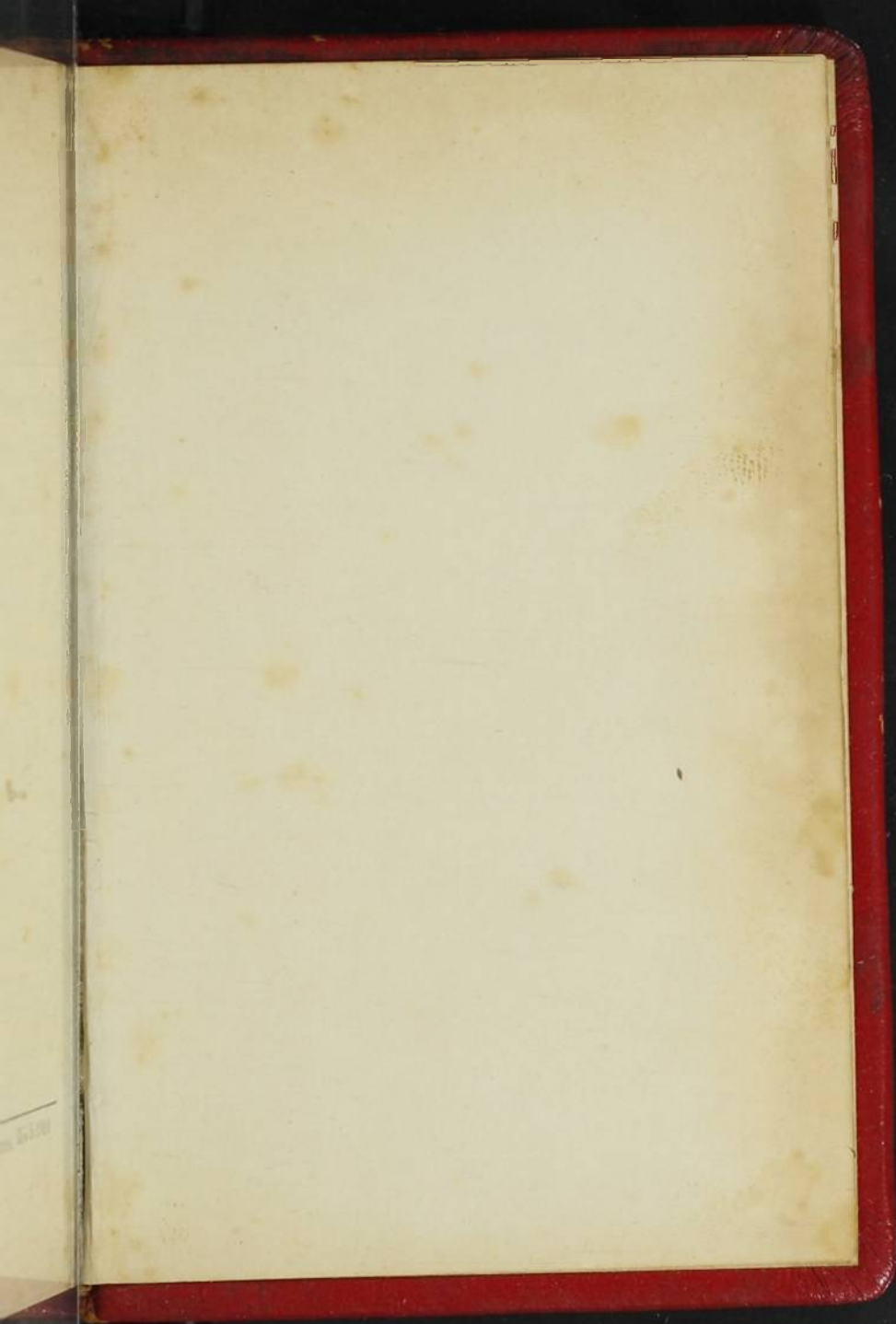
de commemorar isso por meio de um anniversario; mas os ovos de Paschoa hão de lembrar a nossos filhos um outro livramento, muito mais importante e que nos toca de mais perto, o livramento do peccado, do mal e da morte por Aquelle que venceu a morte e o peccado. A festa de Paschoa é com certeza a festa do livramento, e não fazemos mais do que nos conformar com a vontade do Redemptor fazendo d'ella um dia de festa para nossos filhos. O amor, não é elle o summario de sua santa religião e o signal distinctivo dos seus verdadeiros adoradores? E esse amor o que é elle senão essa doce propensão que nos leva a alegrar os dias dos fortes e dos fra-



cos com divertimentos innocentes e puros? É verdade, o costume de dar ovos ás crianças ha de lembrar aos paes como a todos os homens a tenra solitudine de Deus para nós todos e ha de ser como uma especie de penhor dos seus sentimentos paternos. Pois, o Apostolo da verdade não disse : « Haverá entre vós um unico pae que queira dar a seu filho um escorpião em lugar de um ovo? Se, pois, souberem dar ás crianças o que lhes é util e agradavel, o Pae Celeste ha de saber melhor ainda conceder áquelles que rezam a mais bella de todas as dadivas : refiro-me ao seu Espirito-Santo. »

---

PD Paris. — Tip. H. Garnier, 6, r. des Sts-Pères. 354.5.1910





DOAÇÃO FFLCH

36112

